



Roma, Quaresma de 2019.

**Peregrinação do coração
Direção espiritual - Sacramento da reconciliação - Partilha de fé**

Queridos membros da Família Vicentina do mundo inteiro,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Ao mesmo tempo que entramos na Quaresma, damos graças a Jesus, com uma profunda alegria interior, por este período santo do ano que nos ajuda a compreender e a ver com os olhos do coração os seus gestos de misericórdia infinita para conosco, com os outros e com toda a humanidade.

A nossa reflexão está compreendida na sequência das cartas anteriores sobre os elementos que moldaram a espiritualidade vicentina e levaram São Vicente de Paulo a tornar-se um místico da Caridade. Na última carta do Advento, evocamos uma das principais fontes da qual Vicente se impregnou como místico da caridade: a oração diária. **Nesta carta da Quaresma, gostaria de refletir sobre outras fontes que fizeram de São Vicente um místico da Caridade: a direção espiritual, o sacramento da Reconciliação e a partilha de fé.**

Convido a todos para fazermos desta Quaresma uma peregrinação, uma peregrinação do coração ao coração de Jesus e ao nosso. Se os dois corações se encontram, se os dois corações estão cheios dos mesmos pensamentos e dos mesmos desejos, todas as ações que realizarmos, em qualquer momento da nossa vida, serão ações santas. Jesus preencherá nosso coração com sua presença mesmo nos menores recônditos e nosso coração será semelhante ao coração de Jesus.

Os arquivos da Casa Mãe da Congregação da Missão em Paris conservam duas listas de conferências realizadas por São Vicente em São Lázaro. Uma lista foi redigida por René Alméras, Assistente da Casa Mãe e, depois, sucessor de Vicente como Superior Geral, o que abrange um período entre 1656 e 1660. A outra lista foi escrita por Jean Gicquel, Vice-Assistente de 1650 a 1660. Nenhuma das duas listas está completa, mas as datas e os assuntos indicados pelas conferências de fevereiro de 1652, 1653, 1654 e início de março de 1655 fazem-nos compreender que, todos os anos, Vicente se dirigia aos seus coirmãos no início da Quaresma. Eis aqui um exemplo típico:

Fevereiro de 1652 – como passar bem a quaresma

- 1. A obrigação que temos de passar esta quaresma de maneira mais devota e mais estrita do que as outras.*
- 2. O que cada um pensa ser bom fazer para passá-la bem (SV, vol. XII, pág. 470).*



O próprio Vicente nos diz que todos os anos, os membros das Conferências de terças-feiras discursavam sobre o bom uso da Quaresma (SV, vol. XI, pág. 90) e, embora possamos encontrar em suas conferências às Filhas da Caridade algumas alusões à Quaresma, é difícil imaginar que ele não tenha falado sobre este assunto também com as Irmãs.

Infelizmente, nenhuma das conferências de Vicente sobre a Quaresma foi conservada. Referências dispersas aparecem em suas cartas e outros escritos, mas a maioria de suas alocações sobre a Quaresma desapareceu. Conscientes da importância dada por Vicente ao fato de "*passar bem a Quaresma*", realizemos uma peregrinação, uma peregrinação do coração, refletindo sobre três fontes importantes, presentes na tradição e espiritualidade vicentina, a saber: a direção espiritual, o sacramento da Reconciliação e a partilha de fé.

- **A direção espiritual**

A direção espiritual, como uma ajuda em nosso percurso de vida, consiste em falar de modo simples e confidencial com um diretor espiritual sobre as nossas alegrias, nossas dificuldades, nossas lutas cotidianas, nossos sucessos e nossos fracassos. Poucas coisas são úteis para lidar com sentimentos profundos, preocupações e problemas do que um “confidente” que nos compreenda e conheça as armadilhas que podem marcar nosso caminho. As lutas que enfrentamos em relação aos assuntos delicados, tais como a sexualidade, são muitas vezes embaraçosas, porém, conversar francamente com um acompanhador experiente é geralmente o primeiro e mais sábio passo a ser dado para resolvê-las.

São Vicente costumava falar sobre a necessidade da direção espiritual. No dia 23 de fevereiro de 1650, ele escreveu à Irmã Joana Lepintre: “*É verdade, minha Irmã, que a direção espiritual é muito útil. É um espaço para conselhos nas dificuldades, de encorajamento nos desgostos, de refúgio nas tentações, de força nos desalentos. Enfim, é uma fonte de bens e de consolação, quando o diretor é bastante caridoso, prudente e experimentado*” (SV, vol. III, pág. 751). Por outro lado, quando os problemas são reprimidos durante muito tempo ou quando tentamos resolvê-los sozinhos, eles podem causar uma enorme confusão pessoal e terminar explodindo. Vicente tinha consciência de que, infelizmente, a prática da direção espiritual, às vezes, caía no desuso após a ordenação sacerdotal ou a emissão dos votos. Por isso, ele a recomendava explicitamente àqueles que participavam dos retiros para os ordinandos em São Lázaro (Coste XIII, 142).

O objetivo de falar com um guia espiritual, expressado claramente desde a época dos Padres e Madres do deserto, é simples: trata-se da pureza do coração. Vicente recomendava a direção espiritual pelo menos várias vezes por ano (cf. Regras comuns da Congregação da Missão X, 11), em particular durante os retiros ou os tempos litúrgicos como a Quaresma.

Assim como São Vicente de Paulo exortou tão claramente todos os Coirmãos, as Irmãs e, em geral, todas as pessoas consagradas, a ter um diretor espiritual, um confidente caridoso, prudente e experiente, gostaria de encorajar cada membro da Família Vicentina, consagrado e



leigo, a ter um diretor espiritual que o acompanhe em sua peregrinação. São Vicente exortou as pessoas consagradas a não limitar a direção espiritual ao período de formação inicial - postulado, Seminário interno, Seminário - sem dar continuidade, mas integrar a direção espiritual em seu itinerário espiritual ao longo de sua vida.

Cada pessoa decide com o seu diretor espiritual o ritmo dos encontros para a direção espiritual. Nosso Fundador sugeriu que os encontros deveriam acontecer, pelo menos, algumas vezes por ano; o que poderia ser a cada dois ou três meses. A este respeito, cada uma das diferentes Congregações pertencentes à Família Vicentina tem suas próprias Constituições e Estatutos que falam de maneira concreta sobre a direção espiritual e como colocá-la em prática em sua vida.

- **O sacramento da Reconciliação**

O Papa Francisco enfatizou com veemência sobre a misericórdia divina. Esta é a primeira palavra de sua divisa: *Miserando atque Eligendo* (que poderíamos traduzir livremente: “pela escolha misericordiosa de Deus”). No início do seu pontificado, em um domingo durante o Ângelus, ele recomendou aos seus auditores o livro do Cardeal Walter Kasper: *A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*.

Quatro séculos antes, São Vicente também pensava que a misericórdia estava no centro da Boa Nova. Ele a descreveu como “... esta bela virtude da qual se diz: ‘o próprio Deus é a misericórdia’” (SV, vol. XI, pág. 373).

O sacramento da Reconciliação é a celebração da misericórdia de Deus em cada um de nós. É um diálogo ritualizado entre: 1) Deus que, em sua grande misericórdia, busca continuamente unir-se a nós; 2) o nosso reconhecimento da necessidade da misericórdia de Deus. Ele oferece a paz a todos que reconhecem humildemente seus pecados.

Dizer a verdade com simplicidade é essencial no sacramento da Reconciliação, assim como na direção espiritual. Vamos nos confessar para expressar nossos pecados de maneira simples, diante de Deus, convictos de que Seu amor, que cura, chega até nós através dos sinais sacramentais. A qualidade da nossa relação com o confessor dependerá, em grande parte, da transparência com a qual nos revelamos. Logo, é incontestável que esta relação seja caracterizada pela livre abertura de si mesmo e pelo cuidado em evitar conservar os “recantos ocultos” da nossa vida.

São Vicente de Paulo nos pede para recorrer com frequência ao sacramento da Reconciliação “para que possamos realizar nossa conversão contínua e conseguir sinceridade à nossa vocação” (Constituição da Congregação da Missão 45 § 2). **À luz deste encorajamento inspirado pelo espírito de Jesus, convido cada membro da Família Vicentina a encontrar Jesus, pessoal e regularmente no sacramento da Reconciliação.**



Muitos membros, ou quem sabe a maioria, encontram-se com Jesus no sacramento da Reconciliação pelo menos todos os meses, ou talvez com maior frequência. Gostaria de aproveitar esta ocasião para exortar os membros da Família Vicentina, que porventura não tenham o costume de encontrar Jesus regularmente, uma vez por mês, no sacramento da Reconciliação, para responder ao convite de Jesus e torna este sacramento uma prática regular em sua jornada espiritual.

- **A partilha de fé**

No tempo de Vicente, exercícios como a partilha de oração e a prática de reconhecer as culpas proporcionavam aos membros de sua família espiritual a oportunidade de compartilhar com frequência sua fé e reconhecer abertamente suas faltas. Com o passar do tempo, infelizmente, esses exercícios se tornaram convencionais e rotineiros, que de maneira progressiva perderam a espontaneidade que os tornavam vivos.

No entanto, a partilha de fé permanece valiosa. Através dos séculos, surgiram diversos modelos de partilha de fé. Os Padres espirituais transmitiram um método ou etapas para nos ajudar a escutar a Palavra de Deus, a estar abertos para acolhê-la em nosso coração e receber a inspiração do Espírito, a fim de compreender o que Jesus nos diz pessoalmente através de um determinado texto. Então, com toda simplicidade e humildade, nós a compartilhamos com o grupo, com a comunidade. É uma “terra santa” onde nos sentimos em segurança, não julgados nem criticados, mas escutados, aceitos como iguais, tal como somos neste momento da nossa caminhada espiritual. Neste tipo de ambiente, de comunidade, de encontro de partilha de fé, aprofundamos nossa relação com Jesus, conosco e com os outros.

Vicente gostava muito quando a partilha era franca e concreta. Ele dizia:

“É uma boa prática entrarmos no pormenor das coisas humilhantes, quando a prudência nos permite declará-las abertamente, por causa do proveito que todos tiram daí, vencendo-nos a nós mesmos na repugnância que sentimos em manifestar o que a soberba quereria conservar escondido. Santo Agostinho publicou os pecados secretos da sua mocidade, compondo um livro sobre eles, para que toda a terra conhecesse as extravagâncias dos seus erros e os excessos do seu desregramento. E esse vaso de eleição, São Paulo, esse grande apóstolo, que foi arrebatado até ao céu, não confessa que perseguiu a Igreja? Ele próprio o deixou escrito para que, até à consumação dos séculos, se soubesse que tinha sido um perseguidor” (SV, vol. XI, pág. 55).

Entre outras formas de partilha de fé conhecidas e praticadas em suas próprias comunidades ou grupos, **permitam-me propor-lhes um modelo, intitulado “sete etapas”, um esquema que pode ser utilizado em nossas comunidades ou em qualquer grupo.**

Sete etapas:

- **Lembrar-se da presença do Senhor.**



Inicia-se com uma oração ou um canto.

- **Ler um texto.**

Lê-se um texto bíblico, um trecho de São Vicente ou outro.

- **Deixar que Deus nos fale no silêncio.**

Conservar o silêncio durante um tempo determinado e deixar que Deus nos fale.

- **Escolher palavras ou frases que nos chamam a atenção.**

Cada pessoa escolhe uma curta frase ou uma palavra e a lê em voz alta na oração, enquanto os demais permanecem em silêncio.

- **Partilhar o que escutamos com o coração.**

O que nos tocou pessoalmente na leitura ou na oração?

- **Falar sobre o que cada um ou o grupo como um todo é chamado a realizar.**

Existe algo que somos chamados a realizar?

- **Rezar juntos.**

Terminar com uma oração ou um canto.

A partilha de fé é uma “terra santa” onde retiramos nossos sapatos para nos colocarmos diante de Jesus, com toda simplicidade e humildade. **A partilha de fé não é um momento em que, após ter escutado e meditado a Palavra de Deus, fazemos uma breve homilia ou uma breve exegese do texto que acabamos de ler, assumindo o papel de um professor. Pelo contrário, a partilha de fé consiste mais em escutar e meditar o que Jesus diz pessoalmente a cada um de nós e, depois compartilhar com o grupo, com nossa comunidade.**

Jesus é aquele que cura e, com as nossas mazelas, somos convidados a nos tornarmos alguém que cura segundo o Seu coração. É possível compartilhar nossas fraquezas, nossos desafios, nossas inquietações e nossas lutas interiores com um grupo, com a comunidade, quando não nos sentimos ameaçados, julgados ou rejeitados, mas também quando nos sentimos profundamente respeitados, aceitos, amados; em um contexto onde nos sentimos como verdadeiros irmãos e irmãs, amigos muito estimados que se ajudam na caminhada da vida.

Em nossas comunidades de vida consagrada, nossa maneira habitual de estarmos juntos é provavelmente através da Eucaristia, da oração cotidiana, dos tempos de oração comum, das refeições, dos repousos, das reuniões comunitárias, etc. Nestes diferentes momentos, **gostaria de convidar as Congregações de Vida Consagrada, assim como todos os ramos leigos da Família Vicentina, para refletir sobre a possibilidade de introduzir um encontro de partilha de fé segundo o método mais conveniente para cada Congregação ou grupo, escolhendo um entre os muitos já conhecidos ou que lhes serão apresentados. Um exemplo é o método que propus nesta carta de Quarema.**

Cada comunidade poderá refletir e decidir com que frequência organizar um encontro de partilha de fé: uma vez por semana, uma vez por mês, várias vezes por ano, em função do calendário litúrgico, ou qualquer outro ritmo escolhido pela comunidade ou pelo grupo. Muitas comunidades e grupos já praticam a partilha de fé. Dirijo este convite e encorajamento às comunidades e aos grupos onde esta prática ainda não é uma realidade.



Realizemos juntos uma “peregrinação do coração”. Uma reflexão mais profunda sobre a direção espiritual, o sacramento da Reconciliação, a partilha de fé e a adoção destes como “companheiros” regulares nos garantem que a nossa peregrinação alcançará seu objetivo: unir o coração de Jesus ao nosso próprio coração para alcançar o coração de todos, como evangelizadores mais eficazes dos pobres.

Seu irmão em São Vicente,

Tomaž Mavrič, CM
Presidente